
O Seringueiro*

Raimundo de Barros

"A luta dos seringueiros é para poder permanecer na Floresta. Para isso estamos dispostos a dar a nossa vida.

A Floresta Amazônica é nossa segunda mãe. Dela tiramos a nossa sobrevivência e também a sobrevivência de parte do Brasil e do mundo. Para nós, uma das coisas mais bonitas é quando acordamos de madrugada, nas noites de lua, deitados nas redes armadas nas salas de nossas casas, que são cobertas de palha, e a gente ouve o canto da coruja e o piado dos macacos que estão na floresta perto de nossa casa.

Uma das maiores belezas é também os banhos que nós e nossos filhos tomamos nos rios da floresta.

E como é gostosa a carne da caça preparada com o leite das castanhas."

Eu gostaria de pedir a vocês que o erro de algumas palavras da gente fosse ignorado, pois eu e os outros companheiros aprendemos não foi no banco de escolas, mas foi no dia-a-dia da vida de trabalho, de perseguição. Vocês não de perguntar quem era o Chico e quem é o Raimundo e quem

Palestra pronunciada por Raimundo de Barros (seringueiro e vereador pelo Partido dos Trabalhadores em Xapuri), em 28.04.89. O Comitê de Apoio aos Povos da Floresta, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção São Paulo e a Diretoria Executiva da AGB promoveram a vinda de Raimundo de Barros, que estava em São Paulo, a convite da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo, para pronunciar uma palestra no dia 28.04.89, no Anfiteatro do Departamento de Geografia da USP.

são os outros companheiros que certamente vocês irão ter oportunidade de encontrar e ouvir, também deles, os seus depoimentos.

Nós somos camponeses, que nascemos e crescemos na Floresta Amazônica, descendentes de nordestinos, tangidos pela seca. Nossos pais chegaram naquela região ainda crianças e foram trabalhar na exploração da borracha, na fabricação de borracha ou na quebra da castanha. Nessa época, a relação de trabalho do seringueiro era diferente da de hoje. Naquela época o seringueiro era obrigado a fazer a borracha e quebrar a castanha e vender para uma determinada pessoa, que era o chamado patrão, que tinha lá um barracão com os animais, que entrando nas caminhadas da mata a fora, ia encontrando as colocações e ia ali apanhando a borracha que os seringueiros tinham feito e deixando as mercadorias numa completa condição de exploração, pagando sempre pela borracha um preço muito baixo e vendendo a mercadoria por um preço muito alto. Além disso, a balança do patrão já tirava uma parte do peso. Eles ganhavam não só no preço da borracha, mas também no peso. Ganhavam no preço da mercadoria e no peso da mercadoria. Isso levou os seringueiros a sempre viverem endividados com os patrões. Esses mesmos patrões nunca tiveram interesse de levar escola, saúde e outras coisas para os seringueiros. Tem mais de cem anos de vida de trabalho nesse esquema. Se conhece como produtor da borracha o patrão que nunca fez sequer um quilo. Quem são os verdadeiros produtores de borracha e de castanha e dos outros produtos da Floresta Amazônica são realmente os seringueiros e os castanheiros, e não o patrão. Patrão era e continua sendo única e exclusivamente um explorador, que lucra com o trabalho nosso. Mas é a partir de 70 que começou a chegar uma figura diferente que foi o latifúndio. Se na época do patrão a coisa já era amarga, depois que o latifúndio chegou, aí ficou pior, porque em várias regiões deixou de existir o patrão que ainda era uma garantia da vinda da mercadoria para a colocação dos seringueiros e a tirada da borracha para a cidade.

O fazendeiro chegou na região graças ao apoio que os governos daquela época, já da ditadura militar, deram. O latifundiário se achou no direito de - comprando as benfeitorias do patrão - dizer que tinha comprado tudo que tinha naquela floresta, a nossa colocação e quem sabe até nós.

A colocação de seringa é um trecho dentro da floresta, que um seringueiro ou uma família ocupam. Onde ele constrói sua casa coberta de palha, de aricuri, de jarina, de obim ou de jaci. Os caibros da casa são tirados também da floresta, árvores finas que fazem os caibros para atrelar a palha que é segura com uma viga também tirada da floresta que é o tauarim. Os esteiques são de madeiras mais grossas, madeiras que têm

âmago e que têm durabilidade no chão, por dez ou quinze anos. O assoalho é trabalhado com a pachuba que é retirada também da floresta.

Nós trabalhamos com dois tipos de pachuba, uma em ripa e outra batida, quer dizer, quando nós queremos fazer uma casa assoalhada com ripa, a gente faz a ripa; quando a gente quer com pachuba batida a gente bate a pachuba e assoalha batido. Então ali é a residência, a dormida do seringueiro, é ali que ele fica com a sua família; é ali ao redor que ele cria um descampado onde ele tem as suas galinhas, tem seus porcos, onde tem o pasto, a sua criação de ovelha, seu cavalo, seu burro. A grande maioria de nossos companheiros também tem na clareira suas cinco, seis cabeças de gado.

Mais adiante, saindo dessa clareira, entram os caminhos por dentro da floresta, por onde vão se encontrando as seringueiras e as castanheiras, e a gente vai juntando elas através de um pique que depois nós roçamos e fazemos um caminho mais largo que chamamos de Estrada de Seringa. A Estrada de Seringa faz muita volta dentro da floresta, até desembocar onde começou. Uma colocação tem sempre em média de seis a nove estradas. Tem colocação que tem até dezoito estradas, dependendo do tamanho do espaço que ocupa. Um seringueiro que têm uma família já grande ocupa uma colocação grande e todo mundo da família corta. Cada seringueiro corta três estradas de seringa, que tem em média 120 a 150 árvores que se diferenciam: uma árvore é mais fina, outra é mais grossa. As árvores têm uma bandeira de um lado, que é um espaço que a gente faz na árvore de um palmo, um palmo e meio, e o resto a gente deixa livre, que é pra quando essa arriação - o risco que o seringueiro vai dando - encostar no chão, o outro lado estará livre para a gente fazer a outra arriação. Enquanto esse lado que a gente riscou se recupera - no decorrer de dois ou três anos ele sara tudo - a gente termina a bandeira do outro lado e então volta-se de novo para cortar onde já cortou há três anos atrás. E assim se faz uma colocação de seringas.

Dentro da colocação, nós temos outras clareiras mais adiante da casa, onde se faz um roçado, onde se planta o arroz, o milho, a mandioca, a batata, banana, mamão. Um seringal tem de 20, 30, 40, 50, 60 colocações, quer dizer, ocupa um espaço bem grande dentro da floresta. Existem milhares de seringais dentro da Floresta Amazônica.

Então na década de 70 surge o fazendeiro. Chegou na região incentivado, como a gente já disse, pelos governos, e começa a dizer que tinha comprado aquela terra, e que o objetivo deles não era tocar seringa e nem castanha mas sim criar gado. E diziam: "Este negócio de borracha não nos interessa e vocês têm que escolher uma das duas: ou vão embora, ou então vão trabalhar com a gente para desmatar". Num primeiro momento,

vários companheiros se desestimularam e saíram para a cidade e até alguns deles foram trabalhar no desmatamento. Mas a grande maioria dizia: "Vou para a cidade fazer o quê? Eu não tenho saber. A gente vê na cidade mesmo os que sabem ler e escrever, que têm condição de arrumar um emprego, não têm emprego; outros que são empregados ganham um salário de fome, que não dá para sobreviver, e nós vamos fazer na cidade o quê?"

Então se ficou dentro da floresta e começou a aparecer o marreteiro, que é uma pessoa que ia com os animais da cidade para dentro do seringal, comprando o produto dos seringueiros: a borracha e a castanha, e vendendo mercadoria para eles. Enquanto isso o fazendeiro deu continuidade às suas ações de amedrontar os seringueiros, de criar empecilho para os marreteiros entrarem, porque o objetivo dele é justamente que a gente ficasse sem comercializar o produto e sem comprar mercadoria, porque é uma forma de expulsar. Só que a gente deu apoio ao marreteiro para que continuasse o seu trabalho e os fazendeiros começaram a usar outro método de intimidação mais clara: "Vocês vão embora porque isso daqui é meu". Começaram também a trazer o jagunço trepado em cavalo, andando com dois revólveres na cintura, chicote na mão, chicoteando alguns companheiros nossos e recebendo inclusive apoio da própria polícia.

Os casos de agressões que aconteciam com nossos companheiros que vinham denunciar na cidade, não eram tomadas providências, então já começava a existir uma conivência das autoridades com o fazendeiro. Foi nesse momento que começamos a descobrir, através de alguns documentos que a igreja passou sobre a questão da posse da terra, que eles não podiam tirar a gente assim pois quem mora um ano e um dia na terra e não tem outra terra, não é proprietário de terra nenhuma em outro campo, e que dali sobrevive com a sua família, tem o direito de posse, e só sairá da sua posse quando o interessado indenizar suas benfeitorias, e também o seu direito de posse.

Dentro desses pequenos conhecimentos que a gente começou a tomar, começamos a saber que existia uma forma da gente se organizar, que era em sindicato. E aí começamos a lutar para que fosse criado um sindicato mesmo, para fazer reunião com os companheiros dentro do seringal e discutindo junto com eles, começamos a ter mais informação, de uma pessoa inclusive que saiu daqui de São Paulo, o João Maria, enviado pela CONTAG - Confederação dos Trabalhadores da Agricultura - para incentivar a criar os sindicatos na região.

Foi a partir da criação dos sindicatos que a gente começou a se organizar melhor, e a partir daí a gente implantou, criado mesmo por nós, sem ninguém ensinar, sem ter nada escrito em papel nenhum, o empate.

Quer dizer, o pessoal está desmaiando, já muitos companheiros foram expulsos, muitas estradas, muitas colocações já foram desmaiadas, muita caça já foi desterrada daqui para outros lugares, muitos morreram no fogo, e o que fazer? Então adotamos o empate que, eu tenho certeza, o Chico passou informação do que é, de uma forma muito clara. Então a luta teve continuidade e veio vindo o processo de organização e o processo de empate, daí começaram a surgir as ameaças contra os companheiros. Em 80, o nosso companheiro no município de Brasília, que era o Wilson Pinheiro, foi assassinado pelos latifundiários. Outros companheiros começaram a ser assassinados na nossa região como foi o caso do Raimundo Calado - acho que em 82 - no município de Rio Branco, assassinado pela própria polícia, paga pelos fazendeiros. Surgiram ameaças e pressões de toda ordem, mas a gente continuou lutando. Na época em que o nosso companheiro foi assassinado, já tinham sido criados mais ou menos cinco sindicatos na região, todos vivendo um processo de bastante intensidade de trabalho e empate, e de posições firmes contra as ações do latifúndio.

Mas com a morte do nosso companheiro os sindicatos tiveram certo recuo, porque logo que nosso companheiro foi assassinado, sete dias depois, os companheiros pegaram e assassinaram um administrador de uma fazenda, com nome de Milão, e isso valeu uma repressão muito violenta em cima dos nossos companheiros, não só na área de Brasília, mas também de Xapuri e dos outros municípios. Mesmo assim, três, quatro anos depois, o movimento se recuperou em alguns municípios, inclusive o de Xapuri. A gente passou também a discutir não só mais a questão do empate, a questão do direito à posse da terra, mas também outras coisas que seria levar a educação, a saúde para o seringueiro. E a gente começou a trabalhar com isso, a discutir, e fomos começando a criar nossas primeiras escolas. Como a gente criou nossas primeiras escolas? Companheiros nossos lá dentro da floresta, que tinham tido a oportunidade de, ensinados por alguma pessoa, ter aprendido um pouco a ler e a escrever, eram escolhidos na comunidade como monitores e a escola era construída pelos próprios seringueiros. Casinha de palha, soalho de pachuba, no mesmo esquema de sua casa de morada. E fomos criando as primeiras escolas. Em seguida a gente passou a discutir a saúde, e fomos implantando também os primeiros postos de saúde, no mesmo esquema das escolas.

Enquanto isso o sindicato já tinha ganho bastante força, já tinha um pouco de apoio de determinadas pessoas da cidade, não só da nossa, mas também da capital, e se começava a ter um relacionamento com outras pessoas e a gente conseguia a contratação dos monitores e dos agentes de

saúde. Foi dentro de todo esse trabalho que o latifúndio achou que deveria aumentar a sua pressão e perseguição até o assassinato do nosso companheiro Chico Mendes agora, em 88, no dia 22 de dezembro. Antes da morte do nosso companheiro as ameaças intensivas, as tocaias para assassinar não só o Chico, mas a gente também, foram muito denunciadas. A gente várias vezes foi à Secretaria de Segurança Pública, à Polícia Federal, fizemos várias reuniões com o Governo do Estado, várias visitas à imprensa denunciando, na tentativa de ver se conseguia evitar, que o nosso companheiro fosse assassinado, mas como todo esse recrudescimento do latifúndio tinha, e continua tendo relações muito próximas com o aparato do Estado, então não se conseguiu de forma nenhuma evitar. A prova é que no dia que o nosso companheiro foi assassinado, ele estava com dois policiais sentados na sua mesa. Esses policiais não tiveram coragem de vasculhar o quintal da casa do companheiro, para o companheiro descer e tomar o seu banho. Isso demonstra mais cumplicidade do aparato de Estado. Na hora que eles escutaram, na hora que foi detonado o tiro em nosso companheiro, eles no lugar de correr, quem sabe até para amparar o companheiro, ou então para perseguir os bandidos (já que estavam dois policiais armados de revólver), o que eles fizeram foi correr pra sala, saltaram pela janela e correram para o quartel, dizem que buscar metralhadora. Quer dizer, isso nos deixa hoje claro que eles estavam também sabendo do que ia acontecer. Eles estavam também articulados, só dá para se entender dessa forma.

Hoje na nossa região a situação não é diferente da situação antes do Chico morrer. Não é diferente. A tensão é muito grande, a presença de pistoleiros e freqüente na nossa cidade, não mais todos os que circulavam antes, parte deles se afastaram, devem ter ido para outras fazendas, e vêm elementos de outras fazendas que não são conhecidos ainda, mas que a gente nota a presença de pessoas estranhas acompanhadas de elementos que antes já eram ligados a eles, inclusive com um esquema bem diferente, com pessoas de uma aparência mais táctica, a gente nota que os caras são mais sofisticados, são muito mais bem preparados.

As ameaças continuam, as ameaças de morte hoje pairam sobre mim, Gumercino, Osmarino, Júlio - que é o presidente que assumiu o lugar do Chico -, Padre Gilson, um companheiro vereador, Júlio também, o Júlio Micásio, todas essas pessoas hoje estão sobre a mira de a qualquer momento morrerem também.

Eu encerro por aqui a minha exposição, e me coloco à disposição para responder as perguntas de vocês.

P. - Qual tem sido o papel da UDR na região?

R. - Bem, o papel da UDR na morte do Chico... olha, o que nós percebemos, e isso é uma coisa clara, verdadeira, o papel dela é justamente arrecadar recursos, e passar para os articuladores da jagunçada da região, e também, sem dúvida nenhuma, treinar. Esses recursos servem para pagar pistoleiros para assassinar os companheiros e sem dúvida nenhuma também para comprar armas, munição, e pagar pessoas também para treinar os pistoleiros. Isso é, eu não tenho dúvida, um dos papéis da UDR, não só na nossa região, mas hoje, na região do campo mesmo, no Brasil. O papel dela é justamente manter o banditismo através de recursos financeiros, com elementos altamente preparados, certamente deve ter hoje dentro da UDR elementos que passaram até por escolas muito sofisticadas do nosso país, autoridades que estão também contribuindo para o treinamento militar dessa entidade assassina. Essa é uma das coisas, ou das muitas coisas que a UDR exerce claramente na nossa região e no campo brasileiro.

P. - A luta de vocês está no fogo cruzado da questão da propriedade no Brasil. Vocês são homens de trabalho e têm uma organização sindical. No entanto, a luta de vocês está sendo passada como uma bandeira da questão ecológica. Como é que vocês se sentem nisso?

R. - Eu acredito que hoje o nosso trabalho tem um apoio e uma repercussão não só a nível nacional, mas a nível internacional, justamente porque aí entra a questão ecológica. Eu digo que os melhores ecologistas hoje, no Brasil, são realmente os trabalhadores da floresta, os seringueiros, o castanheiro, o baçueiro, o índio, esses são os melhores ecologistas, porque são pessoas que defendem a ecologia trabalhando lá dentro na prática mesmo. Nós somos o povo que luta para defender esse verde, usando esse verde de forma a não destruí-lo, não só trazendo um produto para atender às nossas necessidades, mas também às necessidades da grande população que está dentro deste país e até no exterior, como é o caso da castanha, que é abundante na nossa região e na região do Pará e que bem pouco é usada aqui no Brasil. É um produto tão rico, de uma importância tão grande que vai todo para os países capitalistas, quase todos esses produtos vão para lá. Então, eu acho que a questão da ecologia entrou junto com o movimento sindical, dado justamente pela existência do movimento sindical. Foi através do sindicato que a gente conseguiu se organizar e tomar conhecimento de determinados direitos que a gente tem e a partir daí juntou o movimento, o trabalho sindical com a defesa

ecológica. Se fosse só pelo movimento sindical, eu acredito que a nossa luta não teria tanta repercussão, como está tendo hoje.

P. - Você é um vereador eleito pelo Partido dos Trabalhadores na região de Xapuri. De que maneira está sendo a luta dos seringueiros junto ao parlamento, junto a essa representação que você tem na Câmara dos Vereadores?

R. - Um dos parlamentos mais pobres nesse Brasil é o de Xapuri. Falta equipamento, estrutura. Na câmara de vereadores, nós somos nove vereadores, só tem um telefone. Os vereadores não têm gabinete, não têm nem uma assessoria. Nós fomos eleitos pela vontade dos companheiros, pelo trabalho que a gente vem desenvolvendo na região. Ganhamos hoje como vereador um salário de Cz\$ 150,00 (cento e cinquenta cruzados), isso até agora o final deste mês. Só a partir desse mês (maio de 1989) é que passou a ser de Cz\$ 377,00. O papel hoje nosso de vereador, com o trabalho de organização de base junto aos nossos companheiros, se dá da seguinte forma: no parlamento nós denunciemos o que está acontecendo com nossos companheiros, o que tá acontecendo com a gente mesmo. Chamamos a atenção, não só dos outros vereadores, mas da administração do município. Ao sair dessa tribuna, nós vamos diretamente para dentro da floresta.

Nós temos seis dias para que haja outra reunião da Câmara, que é um dia só por semana. No decorrer desses seis dias, nós ficamos na floresta reunidos junto com os companheiros, e passando aquilo que a gente debateu na Câmara, pedindo posicionamento firme da parte deles. Nas sessões sempre nós os trazemos: companheiros que viajam um dia pra vir participar de uma sessão, pra ver realmente o que nós estamos fazendo lá dentro. Isso vem trazendo uma crise muito grande para os outros vereadores de outros partidos. Tem 4 vereadores do PMDB, inclusive 3 deles estão claramente identificados, são também cúmplices na articulação do assassinato do companheiro Chico Mendes e na trama do meu assassinato e dos outros companheiros. Hoje eles já têm muita consciência que a gente tem certeza disso. Tem dois do PDS, que também fazem o jogo deles. A própria administração está em crise também, está brigando - o prefeito com os assessores, porque estavam tentando ver se conseguiam dar continuidade a um trabalho que tinham na administração passada, com um outro prefeito do PMDB. Mas eles não estão conseguindo mais se entender, porque tem um grupo que já está consciente, começou a tomar consciência de que eles estão num caminho errado e estão querendo abrir, os outros estão pressionando. Então, há uma crise

tremenda no meio deles. E tudo indica que se não for feita uma grande violência contra nós, que retire a nossa voz do meio dos companheiros, nas próximas eleições os trabalhadores serão a administração, não só no município, como terão a maioria também no parlamento da casa.

P. - Se de fato há uma convivência entre a UDR e o aparato policial, o aparato do Estado, se é um fato concreto, se acontece mesmo, de que forma acontece?

R. - É um fato concreto. Como prova disso o próprio ex-delegado de polícia que é filho do município, fazia reunião com o Darli, o Alvarino e o Mora. O escrivão de polícia era irmão do Darli e do Alvarino, e eles faziam reunião juntos. Depois da morte do Chico, esse delegado ainda se reuniu na casa do apoiador desse grupo. Eles se reuniram, esse delegado e ex-prefeito da cidade, e outros lacaios, junto com o Alvarino e os 3 bandidos que estão foragidos com ele. A reunião foi realizada para eles tentarem arrumar uma forma do Alvarino se sair dessa. Se fugia da região para uma outra região, ou se permanecia na região. Inclusive a gente teve informações concretas de que **aqueles** dias que ele estava na floresta, com os elementos dele, ele estava com uma grande enfermidade que já tinha criado bicho, e que ele passou 5 dias na casa desse coitero deles pra fazer tratamento. A própria atitude da polícia federal, quando recebeu o mandato de prisão que veio do Paraná, recebeu e passou com ele 16 dias engavetado, para poder encaminhar para o juiz da Comarca de Xapuri, demonstra de forma clara a participação, a articulação que tem entre o grupo de bandido e a própria polícia. E vamos colocar policial para fazer a guarnição do Osmarino do mesmo nível dos que estavam fazendo a segurança do Chico? Quer dizer, umas armas e munição que não deram fogo. Infelizmente o nosso companheiro aceitou essa segurança. Já começou a desconfiar que a própria segurança está tramando a morte dele.

P. - Como se dá a dissociação das colocações e da propriedade e também a discussão relativa ao filme sobre o Chico Mendes?

R. - O seringueiro, pela sua origem, já é uma pessoa que não tem interesse em ser proprietário. O interesse do seringueiro é ter a terra, ter a seringa, ter a castanha, ter tudo aquilo lá na floresta para a sobrevivência dele. Ele já tem uma vida comunitária, um relacionamento pode-se até dizer socialista junto com os companheiros seus, e ele não se apega à propriedade da colocação.

Na nossa proposta de criação de reserva extrativista, nós não reivindicamos a propriedade do Estado, ou da nação, e o direito de usufruto para os seringueiros, levando-se para as reservas a estrutura que é necessária e que o seringueiro até hoje não teve: a escola, a saúde, o meio de comercializar os produtos. As colocações são trabalhadas na medida do tamanho da família. Uma família menor ocupa uma colocação menor e uma maior ocupa uma colocação maior. O que divide uma colocação da outra é a própria estrada de seringa, onde ela termina, ali termina a colocação. Vamos dizer, termina a minha colocação e começa a colocação do outro companheiro, porque a estrada dele vem e encosta ou passa perto da minha, então não existe pique dentro da floresta, demarcação de colocação não. Elas são demarcadas pela própria distância em que a estrada vai e começa a do outro companheiro, tanto que muitas das vezes, uma estrada de seringa de um companheiro vem por dentro da floresta e passa por dentro da estrada de seringa da gente, e a da gente passa por dentro da dele. Mas se quando eu abri essa estrada, já passei, eu saí da estrada de seringa de um companheiro e tive que passar por 10 árvores de seringueira, para começar o pique de novo para pegar outras árvores para fazer, fechar o círculo da onde eu comecei, então, enquanto eu estiver lá, eu respeito aquela seringueira do companheiro, ou do seringueiro que vier. Eu já tenho o direito e a necessidade de dizer: "Essa estrada passa por dentro da estrada do companheiro". São 10 seringueiras que são estradas dele, então essa outra família que vem, já respeita do mesmo jeito que eu respeitava.

Ate o momento já apareceram 15 propostas de interesseiros que querem fazer um filme de ficção sobre a vida que o Chico levou, o trabalho que ele fez. Nove já retiraram suas propostas, agora tem seis. Agora não é mais o sindicato quem está discutindo com eles, nem o conselho, é a própria assessoria jurídica que está trabalhando com eles.

Então vamos ver quem é o que vai ser sorteado dos seis, porque vai ser só um que vai trabalhar no filme. Agora uma coisa a gente deixa clara aqui que e uma posição nossa, nós não queremos um filme só trabalhado por americanos, ou por alemães, nós queremos um filme onde tenha a participação também dos artistas brasileiros, e que seja 50%. Do pessoal que for trabalhar nesse filme seja 50%. E também não queremos um filme que mostre um Chico que foi vivo, fez um trabalho, e depois morreu. Nós queremos que seja um filme onde mostre um Chico que viveu num trabalho que ele iniciou junto com seus companheiros, que a sua matéria se separou do meio de nós mas o seu trabalho continua nos companheiros. Para fazer um filme do Chico mostrando um Chico que

viveu, fez um trabalho e depois morreu, para nós é uma forma de matar o Chico Mendes e matar a luta que o Chico desempenhou junto conosco.

P. - A expansão do latifúndio expulsou os seringueiros para a cidade. E hoje a nova geração também migra para a cidade?

R. - De 5 anos pra cá, a migração do campo pra cidade diminuiu 80%. No início a migração foi muito grande mesmo, as cidades incharam. A cidade de Rio Branco é hoje uma grande favela e se você vai nos bairros, parece que foram 30,40 bairros que nasceram de 70 pra cá; 80% é de seringueiros que vieram da floresta. Nos municípios a gente vê também uma presença bastante grande de seringueiros. Mas hoje, praticamente bem poucos seringueiros deixam a floresta para vir para cidade, isso porque eles acreditam no apoio que estão tendo hoje, o próprio latifúndio hoje não tem o atrevimento de chegar lá e expulsar eles da colocação como expulsavam antes, quando ele saía de lá só com o saco de roupa.

É bastante contundente a impunidade dos elementos, só que isso não tem surtido efeito, não pode se negar isso. Hoje o que nós achamos, o que o sindicato e o conselho acham, é que é necessário aumentar a pressão, dessa feita agora, dentro do próprio Brasil, já que eles estão encarando a pressão que vem do Exterior como uma interferência estrangeira nos assuntos internos. Eles têm feito inclusive até chantagem barata, eles têm feito comédia, inclusive constringendo, dizendo que a Amazônia está sendo internacionalizada graças a ajuda desses gringos, esses apoios aos movimentos, o que é uma grande mentira é um verdadeiro descaramento do pessoal, porque a Amazônia vem sendo invadida, vem sendo saqueada desde 1964, quando os militares assaltaram o poder no nosso país e começaram a entregar a Amazônia para as multinacionais, entre elas a Volkswagen, a Coca-Cola. O projeto Jari é um exemplo, de uma verdadeira imoralidade dentro da Amazônia, é uma verdadeira agressão não só à natureza, mas também aos povos que ali existem. Contra isso eles não tomam providências, e nem tampouco estão preocupados com isso.

Agora, eles se preocupam com o nosso movimento porque o nosso movimento é de cunho, de uma envergadura em defesa da causa do nosso povo, em defesa da sobrevivência do nosso povo, em defesa da sobrevivência, da vida, de todos os animais que estão dentro da floresta, dos nossos rios, da própria floresta; e isso implica nesses grupos devastadores não avançarem. Essa é a preocupação que eles estão tendo.

Concluindo, o que temos a fazer agora é intensificar esses contatos que a gente começou a fazer e cobrar, pedir encarecidamente a todos os setores da sociedade, aqui dentro do nosso país, para intensificar as

denúncias, de imprensa falada, escrita, televisada e encaminhar telegramas cobrando realmente não só do governo do Estado, mas do governo Federal, e começar uma articulação maior, se possível, fazer uma paralisação simbólica por um dia, em protesto contra a impunidade não só da morte do nosso companheiro, mas das mortes de todos os companheiros que já se deram nesse país.

Vai ser por aí que a gente realmente vai ter não mais o rabo só da cobra, mas vai ter o corpo e a cabeça da cobra, porque até hoje o que está se vendo é que nos assassinatos - do companheiro Chico e dos outros companheiros que foram tombados nesse país - apareceram só os que disparam e alguns dos que encaminham eles para os seus locais de fazer disparos; os que articulam, os que ajudam a fazer a cota financeira, até o momento não apareceram. Os políticos que estão aí também defendendo essas ações, que tem muito hoje em dia em nosso país, também ainda não apareceram e precisam aparecer. Só com uma ação de muita envergadura vai ser possível se ver não só o rabo da cobra, mas o corpo e a cabeça também.

P. - Qual a situação do seringueiro brasileiro na Bolívia: econômica, social e os problemas são os mesmos? Que tipo de relação, que tipo de contato existe entre os seringueiros do Acre e do resto da Amazônia?

R. - Hoje nós temos nada mais, nada menos do que 30 a 40 mil seringueiros brasileiros trabalhando dentro da Bolívia. Na sua grande maioria foram expulsos pelo latifúndio, outros atravessaram antes, porque existia na Bolívia uma propaganda muito grande de que lá a seringa linha rios de leite e que era possível os seringueiros ganharem muito dinheiro. A propaganda que foi feita dizia que na Amazônia se juntava dinheiro com cambito. Cambito é um instrumento que nós usamos lá na floresta, tirado da própria floresta para a gente fazer um ciscador de folha, puxador de cipó, puxador de graveto, também pra pegar as outras arvorezinhas quando a gente está fazendo a limpeza do roçado, a limpeza dos caminhos, a fim de que a gente não pegue com a mão para evitar que uma cobra morda.

Diziam lá no norte que, na Amazônia, se juntava dinheiro com cambito e isso fez com que em muitos nordestinos despertassem o interesse de vir para a Amazônia pra ganhar dinheiro.

Quando chegaram aqui a fortuna que encontraram foi a exploração do patrão em cima deles. Até aconteceu de companheiros que conseguiram tirar saldo, trabalhando muito, e os patrões eram tão cruéis naquela época

que o pagamento que faziam era mandar os seus capatazes tocaiar ele no caminho - no dia que ficavam sabendo que ele ia chegar no barracão pra receber o saldo - e matá-lo e ele nunca mais voltava a sua terra. Isso aconteceu muito.

Outros inventavam uma tal de brincadeira no barracão. O seringueiro era o cachorro e o patrão era a onça. E pegava aquela brincadeira, uma cachacinha e tal, e depois o patrão ficava de quatro pés, urrando e o seringueiro de quatro pés, latindo. Até que ele com o revólver enfiado na cintura, quando se enfezava mesmo, porque a onça se enfezava mesmo pra pegar o cachorro, ele virava e atirava no cachorro que era o seringueiro e matava. E era dessa forma que eram feitos os pagamentos aos companheiros. Isso foi verdadeiro, inclusive existem pessoas que ainda hoje na Amazônia contam esses acontecimentos.

Outros companheiros que foram colocados em árvores, amarrados em árvores e colocado num bolão de cernambi (que é a borra da borracha tirada da seringueira) e tocado fogo até morrer queimado.

Então os nossos companheiros atravessaram pra Bolívia, iludidos muitos deles, iludidos nesse rio de leite, nessa forma fácil de ganhar dinheiro lá, e uma vez chegando lá se endividaram e não tiveram mais condições de voltar para o Brasil. E quando o latifúndio chegou, e começaram as expulsões, mais da metade desses companheiros fugiram e foram para dentro da Bolívia e a situação deles hoje é de extrema escravidão. Além de serem explorados na comercialização da borracha, na compra de mercadoria, eles são submetidos a pagar uma porcentagem para o boliviano. Muitas vezes eles pagam duas, três vezes, porque aparecem uns fiscais que cobram, depois vem outros atrás cobrando também. E eles dizem "eu já paguei pro seu fulano de tal que passou aqui" e ele "não tem nada de fiscal do governo boliviano, ele é um pilantra que anda por aí, e então se você já pagou pra ele, perdeu o teu dinheiro, paga pra mim". E isso acontece muitas vezes de passar de três. E então eles vivem em extrema situação de exploração e até de miséria. Esses seringueiros não só foram do Acre, como foram do Estado de Rondônia onde a devastação está bem maior.

P. - Que tipo de resposta os seringueiros estão procurando face ao clima de violência? Há notícias de carregamento de armas que vieram da Bolívia e que consta de recente relatório da ação pela anistia do Rio de Janeiro. São armas que foram adquiridas no mercado negro internacional de armas, de procedência belga, israelense, armamento convencional pesado está atravessando a fronteira da Bolívia entre Torrilo e Brasiléia.

Como fica essa questão da violência no campo, que está crescente, estamos inclusive em época de seca, época em que os desmatamentos se acentuam. Que tipo de resposta os seringueiros têm e como fica essa questão do armamento pesado?

R. - Primeiro, a questão da segurança. A segurança da gente hoje tem que caçar um jeito pra gente continuar vivo e esse jeito a gente está tentando botar em prática e arrumar mais outro jeito. A única forma que a gente encontrou até o momento foi de companheiros nossos do seringal estarem sempre junto conosco, serem os nossos vigias no decorrer do dia, quando a gente circula na cidade, quando a gente se desloca para floresta, os companheiros estão ali junto com a gente, e à noite nós não nos atrevemos mais a sair na cidade. Quando chega a noite nós entramos dentro da nossa casa, porta fechada e os companheiros se mantêm em vigilância. Agora é bom que diga pra vocês que nós até o momento não conseguimos ter a liberdade de termos os nossos companheiros armados. Agora dentro da nossa casa, da casa dos companheiros que estão ameaçados a gente tem a espingarda da gente. Espingarda de caça, porque se a gente for atacado, a gente tem que responder mesmo. Então esse está sendo o jeito de segurança da gente.

Inclusive a gente se sente hoje numa situação de extrema prisão. Quer dizer, acabou-se aquela liberdade que a gente tinha. Não só nós - eu como filho da região - mas outros companheiros que chegam, como o Gilson, que chegou faz uns quatro anos e se juntou ao nosso trabalho. Chegou na região como padre e depois achou que devia concorrer à prefeitura de nosso município e perdeu, pela ladroagem que fizeram, daí resolveu não mais voltar pra batina e nem ir embora pra outro canto, mas ficar com a gente. Ele é o coordenador do projeto seringueiro, que é um trabalho de criação e melhoramento das escolas. Então não só nós, filhos dali daquela região, mas os companheiros que também chegam estão na mesma situação. Não podem ficar o dia circulando na rua sozinhos, como também à noite não podem de forma nenhuma sair de casa.

Eu gostaria só de acrescentar mais um pouco e dizer que o momento é de extrema tensão e de muita incerteza, e tudo nos deixa crer que eles tendem a recrudescer a luta mesmo. Pela circulação deles no dia-a-dia, a correria que eles fazem inclusive à noite nas estradas, dentro da cidade, chegando inclusive alias horas da noite com elementos estranhos, mostra claramente que eles estão se organizando pra nova ofensiva, para novas tentativas de desmatamento. Então isso prova que eles estão dispostos a um recrudescimento na luta e eu sou franco para dizer que conseguimos segurar até agora os nossos companheiros, porque tem muitos companheiros que estão dispostos a ir às vias de fato. A gente tem tentado

segurar mas não sabe até quando vai segurar os companheiros e vai mesmo conseguir se segurar.

P. - Caiado nega explicitamente que haja relação entre a UDR e os assassinatos. Como se pode atuar para provar esta relação?

R. - Eu acho que está mais do que provado publicamente que é a organização UDR, a assassina, e o Ronaldo Caiado e o grande porta-voz da entidade assassina, que é a UDR, ele como presidente dessa entidade. Eu acho que só pela forma como ele reage quando a imprensa lhe questiona, o seu envolvimento com a sua entidade, e a forma como ele responde já é uma forma de provar claramente o envolvimento da entidade que ele representa. Uma outra coisa que dá bem mais uma vez pra ser comprovado, é quando da última viagem que Chico fez aqui ao Estado de São Paulo, no seminário que se realizou em Piracicaba. O Caiado era um dos debatedores e ele não compareceu. Ajuda ainda mais a provar o seu envolvimento. Logo após a realização desse seminário, o Chico foi assassinado. Ajuda ainda a provar mais uma vez quando ele descarta dizendo que ele e a entidade que representa são entidades de caridade, que fornece alimentos para os desabrigados - no caso, os desabrigados do Acre - isso ajuda mais uma vez a provar que ele se disfarça usando esses argumentos, usando essas coisas que foram entregues aos trabalhadores que não era alimento da UDR, como também não é do governo. É alimento do próprio povo, que foi roubado, retirado de sua mesa para ser entregue nos momentos de calamidade e momentos de angústia do povo. Então eu acho que essa é uma das formas de se provar que realmente é a entidade dele e ele que são cúmplices do derramamento de sangue dos camponeses. Mas eu acho que é necessário trabalhar de forma mais eficiente, pra que mais provas se consiga já que essas provas não são aceitas.

P. - Há associações ou advogados na região?

R. - Tem dois advogados da CUT que estão acompanhando o caso do Chico Mendes. Mas é uma das necessidades muito grandes que a gente tem; inclusive nessa peregrinação a gente lá pedindo encarecidamente que seja desencadeada também uma campanha de arrecadação de fundos para que a gente **possa** conseguir ter pelo menos dois advogados para trabalhar junto ao Sindicato e ao Conselho, pois a gente não tem hoje. Tem o companheiro do Paraná, que é o Genézio, enviado pelo Instituto de Estudos Amazônicos, só que como o Genézio não é da região - e é uma pessoa de trabalho bastante eficiente - ele começou a se sentir inseguro

pelas ameaças que começou a receber e teve que voltar para o Paraná. Ele vem quando e muito necessário, vem assim rapidinho, dá uma mãozinha e volta porque ele tá com medo de morrer também.

P. - Há um acordo entre a UDR e o INCRA para não haver plantação de reservas extrativistas? Esse acordo teria um respaldo na candidatura de Íris Resende?

R. - A forma como o INCRA no nosso Estado procede, na relação que tem com o Sindicato e com o Conselho, demonstra claramente que é verdade, porque há mais de dois anos que a gente vem procurando que o INCRA se sensibilize para fazer a discriminação das áreas de reserva extrativista. São mais de sessenta seringais e todos em conflito. Nesse momento, nossa prioridade é que sejam desapropriados os seringais onde há conflito e o INCRA sempre tem protelado. Quando libera uma área pra reserva extrativista, é uma área que inclusive nós ainda não conhecemos e onde não há problema, como foi o caso do Macauã, no município de Sena Madureira. É uma grande área que foi desapropriada dois anos atrás, mas pra projeto de colonização. Como lá não é possível implantar porque se diz que a área é quase toda de tremedal. Há muita seringa, há seringueiro também lá dentro, mas eles não se atreveram a implantar lá um projeto de colonização.

Então quando nós reivindicamos o Floresta, o Nazaré, o São Pedro, o próprio Cachoeira, que só foi desapropriado depois que o Chico morreu, eles ofereceram esse seringal lá no Macauã, onde não existe tensão social. Então, isso demonstra claramente que existe esse pacto entre o UDR e o INCRA. E isso se demonstra ainda mais verdadeiro quando agora, no início de março, estivemos em Brasília discutindo a questão da estrutura das reservas: São Luiz do Remanso, Santa Quitéria no município de Brasiléia, que também foram áreas que foram desapropriadas pra fins de colonização - só que até o momento não foi feita colônia nenhuma. O INCRA botou à disposição pra ser área de reserva extrativista, e a do Cachoeira. A gente tinha pedido uma audiência com o ministro, pra cobrar dele a agilização na desapropriação de mais seringais, e no lugar dessa audiência, ele procurou promover um ato cerimonial. Botou uma cadeira pra mim ficar sentado encostado dele e trouxe toda a imprensa e os deputados mais reacionários, que representam o Acre em Brasília, como Ruben Branqui e João Maia, que inclusive foi uma pessoa que deu uma contribuição ao movimento sindical, mas depois se envolveu junto com a UDR. Então passou a fazer um discurso em cima da área do seringal Cachoeira, dizendo que estava sendo bonzinho, que estava desapropriando a

área pra reserva extrativista, estava oficializando a área pra reserva extrativista, inclusive que aquela reserva tinha o nome de Chico Mendes, o que tinha já sido articulado no dia anterior quando o seu secretário trouxe a proposta pra mesa. Nós dissemos: "Nós não aceitamos, sabemos que mais tarde a comunidade numa discussão vai dar prioridade que a área realmente seja chamada de reserva extrativista Chico Mendes, que foi dentro da lula dessa arca que o Chico morreu, mas nós não aceitamos que agora o seu ministro, o INCRA já coloque esse nome. Vamos esperar que os companheiros, numa reunião decidam isso. Já tem a iniciativa de vocês, vai junto uma coisa com a outra". Mas ele não respeitaram isso, e no dia seguinte trouxeram pra mesa a área de reserva extrativista do Cachoeira, área extrativista Chico Mendes. E fez um discurso lá, mostrou outras áreas que estavam sendo, foram várias áreas pingadas num Estado e noutro do Brasil, áreas de 500 hectares, e 600 hectares pra colonização e só essa pra reserva extrativista. E quando antes que um deputado tomasse a palavra pra também fazer o seu discurso demagógico, eu fiz a intervenção e disse: "Sr. Ministro, nós não estamos mais interessados em ouvir discurso, nós agora queremos a prática, e não queremos mais de forma nenhuma que sejam desapropriadas áreas pra criação de reservas extrativistas e até pra projeto de colonização pra assentar os companheiros, que estão precisando de um pedaço de terra, em cima do sangue dos companheiros. Nós queremos é prática agora, discurso não nos interessa mais". Então isso fez com que ele se levantasse da mesa e desse a cerimônia por encerrada e no outro dia, os jornais passaram a fazer publicação: os seringueiros estragam a festa do Ministro.

P. - Como se deve manter o movimento, sabendo-se que eles tentam calar as vozes?

R. - Eu já dizia hoje aqui, e repito, que é difícil, está difícil pra eles conseguirem abater o nosso movimento. O que pode acontecer, é fracassar um pouco o movimento, e nós estamos tentando que isso não aconteça. Mas acabar mesmo com o movimento hoje, vai ser difícil. Isso porque a partir da realização do encontro que se deu agora, de 25 a 31 de março, quando até esse momento nós éramos apenas seis companheiros, que trabalhavam no movimento em toda Amazônia, hoje nós somos 31, que estamos espalhados. Se antes nós estávamos só no Estado do Acre, e um pouquinho no Amazonas e outro pouquinho em Rondônia, hoje nós estamos no Acre, conseguimos ampliar mais o número de representantes no Amazonas, em Rondônia chegamos ao Estado do Pará e estamos no Estado do Amapá. Hoje nós temos representação em todos esses estados

em número de 31 companheiros. Sem contar as comissões municipais, comissões de seringueiros, nos municípios, que hoje já temos em todos os municípios do Acre, e já temos um bom número no Amazonas e no Estado de Rondônia. Então, o que agora só está dependendo, que a gente consiga arrecadar recursos pra manter esse trabalho nesses lugares, porque os companheiros não vão conseguir desempenhar um trabalho mais efetivo, e nós queremos inclusive porque em cada município nós tínhamos dois companheiros à disposição do movimento, sem contar com os escritórios. Hoje nós já temos em Rio Branco, queremos abrir outro no Estado do Amazonas, no Estado de Rondônia e no Estado do Pará, e lá no Estado do Amapá. E isso é o único tropeço que nós estamos enfrentando nesse momento. Há bastante perspectiva de que consigamos recursos. Logo que seja registrada a Fundação Chico Mendes, nós temos notícias de que há vários recursos arrecadados pelas instituições, entidades ambientalistas internacionais e mesmo por pessoas que fazem campanha de pires na mão. Alguns recursos já arrecadados, que estão esperando só pela Fundação, porque eles foram arrecadados, conseguidos pra Fundação Chico Mendes. Também esse filme que deve ser trabalhado, tem uma perspectiva de dar também uma boa margem de recursos. E esse recurso vai ser usado, uma parte, 15% pra manutenção da família do Chico, e a família do Chico não é só a viúva e os 3 filhos que ele deixou, mas ele tem também 4 irmãos, que também são pobres, são pais de família, então 15% dos recursos arrecadados desse filme vão ser pra manutenção da família do Chico. 10% vão ser para a atividade do grupo de assessores, o pessoal que vai trabalhar na direção da Fundação, e o restante vai ser designado para o trabalho sindical e o trabalho do conselho. Então esse é o único tropeço que a gente está tendo no momento.

P. - Foi lançado em janeiro um movimento pela OAB - Ação pela Cidadania - que dizia não descansar enquanto não punir os responsáveis pelos assassinatos, entre os quais o do Chico Mendes. Eles realmente estão acompanhando?

R. - Olha, eu sinceramente não tenho conhecimento de que esteja havendo um acompanhamento por parte da OAB. Eu tenho conhecimento que um advogado que me parece que é da OAB, José Mariz, esteve uma vez só em Xapuri, acompanhando o caso do Chico Mendes, mas daí pra cá ele não apareceu mais lá. Quem tem marcado presença mesmo nas audiências, e tido um interesse muito grande no trabalho, tem sido a Sueli, junto com a outra companheira. E esse outro advogado é o Genésio Natividade, que é do Instituto de Estudos Amazônicos, que tem prestado

trabalho ao sindicato e ao conselho. É necessário que se verifique com a O A B , se eles estão tendo isso como uma coisa prioritária. Eu acho que é muito necessário tudo isso.

P. - Que tipo de relação tem o trabalho dos seringueiros com a campanha da Presidência da República, em especial à do PT?

R. - Bom, com referência à gente, como representante no nosso município, e como seringueiro, uma coisa que eu garanto a vocês e que o trabalho de propaganda junto aos companheiros seringueiros, e com referência a candidatura Lula, nós fazemos dia-a-dia, não só na Câmara, mas no sindicato, na floresta, junto com os companheiros. Eu não tenho dúvida que vão responder positivo. Inclusive a morte do companheiro Chico trouxe um despertamento em outros seringueiros de outras regiões que iludiam-se muito ainda, com os políticos do PMDB, do PFL, do PDS que e os que mais existem na nossa região. Tenho certeza que a resposta dos companheiros seringueiros e também dos agricultores da região vai ser 60%, 70% na candidatura do companheiro Lula. Eu não tenho dúvida que hoje há apenas um candidato que realmente nos traz uma esperança de chegar a governar esse país, não a pessoa dele, mas junto com nós vai realmente colocar as coisas nos trilhos. Sozinho, certamente não fará nada. Isso, se alguns companheiros não gostarem, me perdoem, mas a verdade é essa. Porque é no companheiro que há uma esperança dos trabalhadores, porque ele também é um trabalhador explorado, inclusive perseguido, caceteado e eu acho que ele não vai decepcionar os companheiros que lhe derem esse apoio. E, nos outros não adianta se alimentar esperança, o Brizola, ele é um populista do tipo Getúlio Vargas, e acho que é por aí.

P. - De que maneira a CUT tem participado nas lutas dos seringueiros?

R. - Bom, a CUT antes do assassinato do companheiro Chico Mendes até por questões de pouca discussão, de pouca presença nossa junto aos **companheiros**, bem pouco, ou quase nada, ela tinha feito pelo nosso movimento. Depois da morte do nosso companheiro, a CUT tem estado mais presente, e a prova disso é tanta que nos encontros que estamos realizando, sempre está um representante seu lá. No acompanhamento do caso do nosso companheiro, é o advogado da CUT quem está marcando presença com muito interesse. A CUT está dando um acompanhamento bastante grande, é saudável.

P. - De que maneira se responde à violência, especificando a questão do empate?

R. - Olha, companheiros, a cada empate que a gente realiza, é mais um momento de indignação para os fazendeiros. Cada empate que a gente faz, eles mais se injuriam com o nosso movimento.

Então, se a luta chegou no que chegou hoje, foi justamente dado a esse trabalho de empate que não deixou que no decorrer de 3,4 anos eles tivessem mais a liberdade que estavam tendo no começo de fazer seu desmatamento, inclusive até contando com a presença de seringueiros que deixavam suas colocações, porque eles estavam pagando uma diária até que boa. Então isso fez com que deixassem esses companheiros de fazer, de participar desse trabalho junto com o fazendeiro, e como também fez com que eles deixassem de devastar, só na nossa região, mais de um milhão de hectares de terra. Então isso fez com que eles deixassem de expandir mais as suas fazendas, e com isso realmente trouxe a injúria deles contra nós, contra o nosso sindicato, contra o movimento dos seringueiros e, pra finalizar, o relacionamento hoje de seringueiros e fazendeiros, de seringueiro e jagunço, de seringueiro e articuladores, é de muita tensão. Cada um deles vê um seringueiro, vê um inimigo seu e cada um seringueiro que vê um elemento desse, um fazendeiro, um gerente de fazenda, os peões não, mas um que está identificado com um pistoleiro, é também um inimigo dos seringueiros, e das companheiras seringueiras também. Vale a pena dizer pra vocês que nossas companheiras também estão começando a participar da luta, de uma forma muito firme, não são ainda todas, mas grande parte de nossas companheiras estão começando a participar da luta de uma forma muito firme também.